

A MOÇA DO QUADRO



Sylvette David
em 1954 (acima)
e como Picasso
a pintou em
*Sylvette sobre um
fundo vermelho*
(óleo sobre tela),
à direita.

A musa de Picasso

Era a primavera de 1954 na aldeia de Vallauris, Riviera Francesa. Sylvette David, uma moça linda e tímida, de 19 anos, estava sentada ao sol, dividindo um cigarro com amigos, quando, de repente, centímetro a centímetro, surgiu um retrato acima do muro do quintal em frente. O desenho revelou lentamente a semelhança inconfundível com Sylvette, com o seu rabo de cavalo e os cachos louros. Era também a obra inconfundível do dono daquela casa: o morador mais famoso de Vallauris, Pablo Picasso.

POR FELICITY HAWKINS



Uma porta no muro se abriu e os adolescentes correram para encontrar o pintor mais famoso do mundo morrendo de rir. Enquanto levava os jovens convidados a conhecer o seu ateliê, perguntou à espantada Sylvette se ela posaria para ele.

O resultado foi *Moça com rabo de cavalo*: um dos quadros mais conhecidos de Picasso. Logo se seguiram mais de 40 imagens diferentes de Sylvette, enquanto o artista trabalhava febrilmente durante o verão com a sua nova musa.

“Na época, Picasso tinha 73 anos, a mesma idade que tenho hoje”, recorda Sylvette, hoje artista bem-sucedida que mora em Devon, na Inglaterra, e usa o nome Lydia Corbett. “Ele era uma lenda internacional. Mas, em Vallauris, sentíamos que era ‘nosso’. Era importante na vida da aldeia e adorava organizar eventos na praça, como ‘touradas de mentira’. Com imensa força vital, possuía a noção de diversão como a de uma criança. Todos o adoravam.”

Sylvette conheceu Picasso quando foi à casa dele entregar duas cadeiras compradas do namorado dela, Toby Jellinek, pouco antes de o pintor lhe pedir que posasse.

“Toby e eu estudamos juntos em Summerhill, na Inglaterra. Ele cursou *design* de móveis com o jovem Terence Conran antes de nos mudarmos para Vallauris a fim de morar com a minha mãe. Estávamos sem dinheiro, e Toby começou a expor sua obra na aldeia. Foi tão empolgante quando Picasso encomendou duas cadeiras dele, feitas à mão com corda, metal e madeira...”

As fofocas diziam que o velho Picasso já estava de olho na jovem parecida com Brigitte Bardot. “Ele me contou mais tarde que adorara o rabo de cavalo com as pontas do cabelo penduradas ao lado do pescoço comprido.”

Lydia, nascida em Paris de mãe inglesa e pai francês, teve uma infância difícil. “Meus pais se conheceram na escola de artes plásticas, mas se divorciaram quando eu era bem pequena. Eu e minha mãe nos mudamos para a comunidade naturista da Île du Levant, e raramente eu via meu pai. Voltamos para o continente durante a ocupação alemã, para que eu pudesse frequentar a escola, mas vivíamos com medo dos nazistas.”

Ela diz que Picasso “era como se fosse meu padrinho. Eu me achava horrível e nada sexy. Mas sua confiança e entusiasmo eram contagiantes”.

“Ele era robusto e baixinho, mais baixo do que eu”, recorda ela. “Mas era forte e em boa forma, com um perfume fresco e maravilhoso, e a pele morena e lisa. E aqueles olhos! Eram pretos e viam sorrindo.”

Aqueles olhos, aquele vigor e aqueles feromônios atraíram uma legião de mulheres para a cama de Picasso. Mas, na primavera de 1954, ele ainda se recuperava da sofrida separação de Françoise Gilot, sua amante durante muitos anos. E ainda não se envolvia com a ceramista Jacqueline Roque, de Vallauris, que se tornou sua amante e, depois, mulher.

Em geral, as modelos de Picasso viviam amantes. Será que ele também tentou seduzir sua jovem e linda musa?

Sylvette com um
dos desenhos
que Picasso
fez dela.



“Não sei se ele queria fazer sexo comigo”, diz Lydia. “Algumas vezes, achei que sim. Certa vez, quando me pediu que me sentasse junto dele no banco de trás do seu amado carro Hispano Suíza, que guardava num estábulo. Sentei-me ao lado dele, pronta para correr se necessário. Mas ele só conversou.”

“Depois, houve o dia em que começou a pular na cama, como um menino. Quis que eu me juntasse a ele, mas fiquei na porta, rindo.”

“Ele era sempre bondoso e gentil comigo e eu me sentia muito segura na companhia dele. Fazíamos as sessões no ateliê, cercados pela confusão de cabeças de bode, pedaços de metal e plástico, brinquedos velhos e instrumentos musicais. Eu me sentava numa cadeira de balanço, fumando os cigarros que ele comprava para mim, e cochilava enquanto ele trabalhava. Era tudo muito tranquilo e relaxado. Picasso fumava *Gitanes*, um atrás do outro, depois arrumava os tocos em pirâmides e esculturas, para mostrar quantos tinha fumado!”

“Estava sempre brincando. Deseñava uma aranha no chão, saía, voltava e fingia ficar apavorado com ela. Ou acabava com meus soluços aparecendo com uma faca para me assustar, apesar do fato de estar sempre tentando me ajudar a superar o nervosismo”, ri.

Uma característica interessante da série de *Sylvettes* de Picasso é que, às vezes, ele mostra a modelo sem boca.

“Ele costumava me pintar assim porque a minha timidez me impedia de falar. Acho que esses quadros também podem ter sido influenciados por um

famoso livro infantil francês daquela época, chamado *Bécassine*, sobre uma menininha que não tinha boca mas era muito inteligente e vivia grandes aventuras. Ele dizia que queria me dar voz.”

O verão passou depressa. Enquanto Picasso trabalhava na recriação da imagem da sua menina especial de rabo de cavalo, o estilo da adolescente tímida virou moda internacional.

“O cabelo comprido já esteve mais na moda do que na exposição atual de Picasso?”, perguntava Mary Dunbar em outubro de 1954, no *Sunday Times*. “São cerca de 20 quadros diferentes de uma moça de 19 anos de Vallauris. O cabelo louro e comprido, amarrado num rabo de cavalo, é a característica dominante de todos eles, e já vi muitas moças [...] usando esse estilo, exatamente como a *Sylvette* de Picasso.”

A revista *Paris Match* também publicou uma longa reportagem sobre a nova modelo do pintor.

Até Brigitte Bardot, que já era uma estrela, adotou o estilo “*Sylvette*”.

“A princípio, Bardot era morena”, diz Lydia. “Mas me contaram que virou loura depois que o marido, Roger Vadim, admirou as minhas fotos. Ela diz, na autobiografia, que perguntou a Picasso se poderia posar para ele. Ele recusou, porque já tinha me pintado. Bardot escreveu que ela e eu ‘éramos parecidas como duas gotas d’água’”, diz Lydia.

“Mas, embora fôssemos bem parecidas e tivéssemos a mesma idade, na verdade éramos muito diferentes. Certa vez a vi com o marido na Croisette, em

Sylvette, sua filha,
Picasso e a mulher
dele, Jacqueline.



Cannes. Ela era tão cheia de confiança, tão cheia de sexo! Já se tratava de uma mulher completa, enquanto eu continuava aquela adolescente tímida e ansiosa por agradar, apavorada com tudo.”

“Certa vez, o diretor Jacques Tati me parou na rua e disse que queria me pôr no seu próximo filme. Mas, ao contrário de Bardot, eu não tinha a mínima vontade de entrar para o cinema. Queria pintar, constituir família e ter uma vida tranquila.”

Quando o verão virou outono e o outono virou inverno, o relacionamento de Picasso com Jacqueline Roque ficou mais sério, e as sessões com Sylvette terminaram quando o casal se mudou para Mougins, talvez para fugir do fantasma de Françoise Gilot.

Lydia só veria Picasso mais uma vez, depois que ela e Toby se casaram.

“Fomos fazer uma visita a ele e Jacqueline quando nossa filha era menina. Queria que ela o conhecesse, e ele foi



Lydia Corbett em seu ateliê em South Devon, Inglaterra. Seus trabalhos e a biografia da artista podem ser vistos no [site lydiacorbettart.com](http://site.lydiacorbettart.com).

maravilhoso, como sempre. Mas já estava velho, e morreu pouco tempo depois.”

A musa de rabo de cavalo mudou seu nome para Lydia na década de 1960, quando teve uma revelação religiosa depois que Toby a deixou. Ela se casou de novo – Corbett é o sobrenome de casada – e teve mais dois filhos antes do segundo divórcio. Hoje,

vive com o companheiro David em suas duas casas, em Devon e na Provença, tendo retomado a pintura depois que os filhos entraram para a escola. Atualmente é uma artista respeitada e expõe em galerias importantes, como a Francis Kyle, em Londres.

“Hoje sou mais feliz do que nunca”, diz ela, sorrindo ao sol do ateliê em Devon. “Picasso inspirou o meu amor à arte. Mas o melhor presente que ele me deu foi a chave para abrir portas pelo mundo afora. É um presente que nunca termina...”

FOLHAS DE OUTONO

Minha mulher e eu estávamos olhando as pinturas de uma galeria de arte. Uma delas mostrava uma linda mulher nua, com apenas algumas folhas cobrindo as partes íntimas.

– De mau gosto – minha mulher disse, enquanto seguia em direção ao próximo quadro.

Continuei parado, olhando. Em tom de ironia, minha mulher perguntou:

– O que você está esperando? O outono chegar?

Dennis Dook, Reino Unido